

Pessoa ou Proposição

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Embora o Professor Berkhof sirva como um bom exemplo, muitos outros teólogos Protestantes, tanto Luteranos como Reformados, também tendem a fazer uma rígida distinção entre “um descansar confiante numa pessoa” e “o assentimento dado a um testemunho”. Supostamente “confiança segura” difere de “assentimento intelectual”.

O termo *descansar* ou *confiar* é raramente, se é que alguma vez, explicado em livros teológicos. Uma pessoa é deixada em trevas quanto ao que ele significa. Uma ilustração pode fornecer uma dica e tornar as palavras inteligíveis. Suponha que um estudante de segundo grau está determinado a resolver um problema em geometria. Ele desenvolve uma solução, olha para ele de todos os ângulos, talvez corrija uns pequenos detalhes e então testa cada passo novamente para ver se ele cometeu um engano; não vendo nada, ele agora solta sua caneta e descansa. Isto é o mesmo que dizer: ele assentiu ao seu argumento. Ele crê que agora ele tem a verdade.

Mas a maioria dos teólogos não são tão claros, nem podem ser, como anteriormente indicado, ao sustentar a distinção imaginada deles com referência a *pisteuein eis*, pois uns poucos parágrafos atrás Kittel se desfez de tal disputa. O inglês também tem o mesmo uso. A medida que o modernismo se desenvolveu na década de 1920, e suspeita foi ligada a esse ou aquele ministro, as pessoas perguntariam: ele crê no nascimento virginal; ele crê na expiação? Eles não perguntavam: ele crê o nascimento virginal? A preposição *em* era regularmente usada. Mas certamente o significado era: ele crê *que* o nascimento virginal é verdadeiro; ele crê *que* a morte de Cristo foi um sacrifício substitutivo? Assim, crer numa pessoa é ser confiante, isto é, crer que ele continuará a dizer a verdade.

A despeito da popularidade e suposta espiritualidade superior do contraste entre uma *mera* proposição intelectual e uma pessoa viva *amável*, isso descansa sobre uma análise psicológica equivocada. Até mesmo Berkhof admite, com pelo menos uma aparência de inconsistência, que: “Como um fenômeno psicológico, fé no sentido religioso não difere de fé em geral... A fé cristã no sentido mais abrangente é a persuasão do homem da verdade da Escritura sobre a base da autoridade de Deus” (p. 501).

Essa é uma declaração excelente e deveria ser defendida contra as afirmações contrárias prévias de Berkhof.

Fonte: *Faith and Saving Faith*, Gordon Clark, Trinity Foundation, capítulo 16 (páginas 106-107).